

O que os sacerdotes podem fazer

pelo Padre Patrick Pérez

Pediram-me para falar especificamente do que os padres podem fazer nos seus ministérios e nas suas paróquias, onde quer que estejam, para difundir a Mensagem de Fátima e a Consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Nossa Senhora. Ora eu tenho, de facto, algumas ideias para lhes comunicar, e que se desenvolveram a partir do que o Padre Gruner tem proposto, nas suas palestras dos dois últimos dias. Terão muitas ideias, evidentemente, sobre o que os padres e Bispos podem fazer para ajudar a espalhar a devoção a Nossa Senhora de Fátima e a tornar conhecidas, amadas e obedecidas em todo o mundo as Suas mensagens.

Cada um de nós precisa de um plano específico

Todas as pessoas aqui presentes, segundo a sua posição na Igreja e a sua esfera de influência, deviam, em primeiro lugar, formular algum tipo de plano de acção com objectivos concretos e realizáveis. Parece-me que é uma das primeiras coisas que devemos fazer. Está muito bem as pessoas dizerem: “pois é, temos de promover Fátima”, mas se não tiverem um plano, não o conseguirão fazer. O plano varia conforme as situações de cada um de nós, mas é preciso ter um. E devemos segui-lo e pô-lo em prática, ou então nada disto será alcançado. Dizem que a estrada para o inferno está cheia de boas intenções. O que é verdade, porque podemos ter boas intenções para realizar coisas, mas nunca as realizamos porque não temos um plano. Portanto, em primeiro lugar, seja qual for a nossa situação, ou a nossa esfera de influência ou ministério na Igreja, vamos fazer um plano que seja praticável. Isto é, que seja real e realizável.

A estrutura fundamental do seu plano

Nas suas palestras dos dois últimos dias, o Padre Gruner propôs uma estrutura para isto: Um movimento de clérigos e leigos para aumentar a disseminação da Mensagem e da causa de Fátima. Não se pode fazer melhor do que isto. O Padre Gruner, evidentemente, pensou muito sobre esta estrutura em particular, e eu quero passar em revista estes pontos, porque vou acrescentar certas coisas a esta estrutura proposta pelo Padre Gruner. Algumas das coisas que o Padre Gruner propõe seriam:

- Rezar as cinco dezenas do terço todos os dias por esta intenção particular;
- Usar sempre o Escapulário Castanho;
- Cumprir o nosso dever num espírito de penitência e sacrifício por Deus, por Jesus na Sua sagrada humanidade, pela Mãe de Deus, pela Igreja, pelos nossos compromissos, e pela verdade;
- Aprender o mais possível sobre a Mensagem de Fátima, incluindo tudo o que foi dito por Nossa Senhora e Nosso Senhor a Lúcia em vários locais, posteriormente às aparições de Fátima;
- Fazer com que se conheça o verdadeiro conteúdo da Mensagem;
- Pregar sobre o conteúdo dessa Mensagem, e assim por diante;
- Defender a Mensagem contra a falsificação e o descrédito causado pelos seus inimigos;

- Fazer tudo o mais que estiver ao nosso alcance, por menor ou maior que seja a nossa influência na Igreja e sem medo de perder prestígio ou respeito humano, para nos assegurarmos de que a Mensagem é conhecida, compreendida, apreciada e, acima de tudo, obedecida.

Mais explicações sobre a estrutura

Esta é a estrutura proposta pelo Padre Gruner, e o que eu quer fazer é só acrescentar uma coisa ou outra a algumas das condições deste movimento. O Padre Gruner teve muito cuidado em não criar uma associação com condições e obrigações rígidas para os seus membros, e coisas assim, porque quem fizer estas coisas é parte deste movimento por definição, e é muito melhor assim.

Examinando isto com mais atenção, hão-de verificar que algumas destas condições, só por si, implicam maiores obrigações — um pouco como a letra miudinha dos contratos — como, por exemplo, as condições para obter indulgências. Todos nós sabemos disto, porque falámos sobre elas. Estou, de facto, a dirigir-me em especial, e embora estejam connosco leigos em número significativo, aos Senhores Bispos e aos meus irmãos no sacerdócio, por serem eles que, em primeiro lugar, implementam estas coisas. Há esta letra miudinha com respeito às indulgências. Quando pregamos as indulgências, dizemos: “oh, sim, e nas condições do costume”, não é? E depois lemos o texto em letra pequena sobre as condições do costume e chegamos a esta: “Livre de associação a todo o pecado, incluindo o pecado venial.” Ora bem, esta letra miudinha é de importância muito substancial. Tentem só cumprir esta! É por isto que as indulgências não andam por aí aos montes na Igreja, por causa destas e outras condições que devem ser cumpridas.

Ora bem, o movimento que o Padre Gruner propôs também inclui algumas condições que devem ser cumpridas para o movimento ter efeito, para dar fruto nos nossos ministérios, e para atingir os objectivos que queremos atingir. As duas primeiras condições são rezar todos os dias os Cinco Mistérios do Terço e usar sempre o Escapulário Castanho. Parece-me que todos nós já fazemos isso. Não me passaria pela cabeça sair sem o Escapulário; teria de voltar a casa para o ir buscar. Mas falo primeiro das coisas que normalmente fazemos.

Parte da terceira condição é: “Cumprir o nosso dever num espírito de penitência e sacrifício por Deus, por Jesus na Sua sagrada humanidade, pela Mãe de Deus, pela Igreja”; isto implica a vida divina da alma no reino do sobrenatural. Devemos aqui recordar-nos das palavras de Nosso Senhor à Irmã Lúcia em 15 de Fevereiro de 1926. Como sabem, isto ocorreu num pátio onde a Irmã Lúcia tinha ido despejar o lixo, e viu ali um menino. O menino revelou-Se como sendo Jesus, e então ela reconheceu-O e disse: “Meu Jesus! Vós bem sabeis o que o meu Confessor me disse na carta que Vos li. Dizia que era preciso que aquela visão se repetisse, que houvesse factos para que ela fosse acreditada, e a Madre Superiora só, a espalhar este facto, nada podia.” E Jesus respondeu: “É verdade que a Madre Superiora, só, nada pode; mas com a Minha graça, pode tudo.”

Com a graça de Deus, podemos fazer tudo

A primeira coisa a ter presente sobre o que estamos a propor no Movimento Sacerdotal de Fátima é que nenhum de nós pode conseguir nada, só pelas nossas forças, mas com a graça de Deus podemos fazer tudo. Portanto, é a graça de Deus que devemos ter sempre presente, em primeiro lugar e continuamente, e pregar.

Eu proporia, portanto, que uma das bases fundamentais do nosso Apostolado de Fátima, subjacente às condições que o Padre Gruner apresentou — não como mais uma condição, a acrescentar às que o

Padre Gruner propôs, mas antes como algo que devemos fazer para que o nosso Apostolado dê fruto — seria que devemos ter uma compreensão excelente dos conceitos de vida sobrenatural e de Graça Santificante, uma devoção fervente a eles, um amor por eles, e uma alta estima por eles. Só isto deve implicar algum esforço da nossa parte, devido à grande ignorância que tanto o clero como o laicado têm sobre este e outros pontos essenciais da Doutrina Católica.

Em resumo, de que estamos a falar? Esquecemo-nos, e devíamos lembrar-nos, de que a vida do Céu não é natural ao homem. É algo que Deus concede como suplemento à natureza do homem: é sobrenatural, quer dizer, acima da nossa natureza. A promessa feita aos homens de que poderão ver Deus face a face é uma pura dádiva de Deus, que não faz parte da nossa condição normal, especialmente porque nascemos em Pecado Original, separados d'Ele. De facto, nascemos como que inimigos de Deus. O Baptismo muda isso. Assim, o primeiro conceito é o da vida sobrenatural como algo que não pertence à nossa condição, mas o próprio Deus, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, morreu para que isso se tornasse possível para nós, para que se acrescentasse à nossa natureza, por um acto de puro amor para conosco. Mal o podemos compreender, a não ser que vejamos quão importante era para Ele fazer o que fez, para o tornar possível para nós.

O outro é o conceito da Graça Santificante. A Graça Santificante é uma situação que só o Baptismo torna possível. No Velho Testamento, as pessoas eram justificadas doutra maneira. Desde que Nosso Senhor morreu para fundar a Igreja, a Graça Santificante vem-nos através do Baptismo. Quando somos baptizados, a Santíssima Trindade vive na nossa alma, como a vida da alma. Sem ela, a vida sobrenatural não é possível. E não é possível porque, se tomássemos alguém sem Graça Santificante e o tentássemos recolocar no Céu, não poderia viver ali. Faltava-lhe o que é necessário para viver no Céu.

Pérola sem preço: A Graça Santificante

Só a Graça Santificante que nos vem do Baptismo e é mais tarde renovada pelo Sacramento da Penitência e reforçada pela graça de receber o Corpo e Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor, nos pode tornar aptos a viver no Céu. É o que dá vida sobrenatural à nossa alma, e que pode ser interrompido pelo Pecado Mortal, ou diminuído pelo Pecado Venial. Mas é preciso que haja Graça Santificante para a vida no Céu. Sem ela, a alma está morta e é incapaz de viver na presença de Deus. Por isso, aqui está um tema que é preciso pregar insistentemente. Precisamos de fazer com que as pessoas amem a Graça Santificante, que apreciem o que ela é, que queiram mantê-la, custe o que custar, e que nunca a larguem. É uma coisa básica.

As coisas são diferentes de país para país. Lembro-me que uma vez entrei numa igreja nos Estados Unidos, e estava um padre no confessionário. Ora é raro encontrar um padre que esteja no confessionário; em muitas paróquias é preciso marcar um encontro. Todavia, este padre estava no confessionário, mas não havia ninguém para ser atendido. Não ia ninguém confessar-se, mas depois, todos os Domingos, iam todos comungar. O padre indignou-se, e acusou-os de fingir que tinham uma espécie de Imaculada Conceição. Ficava-se com essa impressão. Porquê?

Porque a maior parte deles não tinham uma ideia do que é a Graça Santificante, e que coisa extraordinária, que tesouro ela é. É a pérola pela qual tudo o resto deve ser abandonado, como se lê na Bíblia. Isto vai requerer algum esforço da nossa parte.

O nosso dever perante a verdade

A terceira condição diz: “Cumprir o nosso dever num espírito de penitência,” e também, no fim, “Cumprir o nosso dever para com a verdade.” Neste movimento, pedem-nos para cumprirmos o nosso dever, não só para com a Mensagem de Fátima mas também para com a verdade com V maiúsculo. Muita gente, no nosso tempo, perguntaria, como Pôncio Pilatos fez há séculos: “A verdade? O que é isso?” E a Verdade está mesmo em frente deles, e não a conseguem ver. Cumprir o nosso dever para com a verdade implica claramente saber o que é a verdade. Em termos gerais, a verdade é o que existe, o que *realmente* existe. A verdade é a realidade. Está fora de nós. A verdade é uma realidade que é como é, quer queiramos acreditar ou não, quer gostemos dela ou não. Não podemos mudar a verdade só porque a nossa percepção esteja na nossa cabeça. Mas o nosso dever é descobrir o que ela é realmente. Porque viver numa situação, viver estando apenas ligados às nossas percepções e não descobirmos o que ela realmente é, é como se estivéssemos num estado de loucura. É insano. Por isso, comprometam-nos para com a verdade, que está fora de nós, que existe.

Portanto, em termos gerais, Deus é a verdade. As declarações dogmáticas e os ensinamentos da Igreja Católica Romana são verdades divinas, expressão da natureza e da vontade divinas. Se queremos conhecer o mais possível da verdade, estudamos os ensinamentos da Igreja. Aqui está ela, à nossa frente. O que é? Aqui está, os Papas, e os Bispos em união com os Papas, têm-na proclamado desde S. Pedro, e aqui está ela para que todos a conheçam, e para que todos a vejam e acreditem nela.

Devemos estudar o Dogma

Assim, se quisermos cumprir o nosso dever para com a verdade, devemos aplicar algum do nosso tempo a aprender o mais que pudermos sobre ela. Como podemos dizer que vamos dedicar-nos à verdade se não estivermos interessados em ocupar algum do nosso tempo a descobrir o que ela é? E como sabem, meus caros Senhores Bispos e padres, ensinar a verdade através da Igreja é uma tarefa que nunca se esgota. Não precisamos de estar a perder tempo a ver televisão ou a fazer coisas semelhantes. Eu sei que, infelizmente, alguns de vós vivem em países onde ter armas não é legal. Mas se pode ter uma arma no país em que vive, leve a sua televisão para um campo e execute-a. O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e fuzilar a televisão é o princípio de uma vida espiritual. Portanto, uma parte essencial deste processo, e que já não é popular no nosso tempo, é não só um compromisso de encontrar a verdade, mas também de submetermos os nossos corações e as nossas mentes a essa verdade.

Uma parte essencial deste processo é não só um compromisso de encontrar a verdade, mas também de submetermos os nossos corações e as nossas mentes a essa verdade.

Razão e salvação

Caros irmãos, perdemos o sentido do racional e da razão, e do papel que a razão tem na salvação de cada um de nós. Deus deu-nos a razão, sobretudo para O encontrarmos. Podemos usá-la para isso, ou podemos desperdiçá-la. Mas nós, que andamos em busca da verdade, logo que a encontrarmos, devemos submeter-nos a ela. Devemos dizer: “Se esta é a verdade, se é expressão do que é, então eu submeto

humildemente a minha vontade, o meu intelecto, a minha alma, o meu coração a esta descoberta do intelecto e da razão.”

Evitemos o espírito da irracionalidade e do emocionalismo das feministas, que já começou a destruir as nossas sociedades e até a nossa Igreja. Há mulheres na Igreja que não têm o direito de estar onde estão. Estão a utilizar o feminismo para tentar ocupar lugares em que os homens estão a orientar a Igreja e a dirigir a Igreja e as paróquias. Não devem estar ali. Estão a usar argumentos emocionais e irracionais e a influenciar o clero e a hierarquia com os seus disparates. Não podemos permitir tal. Devemos manter a ordem.

Sabemos que há um triunfo do emocionalismo e da irracionalidade que deriva disto, até ao ponto em que se chega a apresentar ao povo o essencial e ouvimos coisas como estas: “bem, concordo com isso”. E “Sim, compreendo a sua argumentação, mas não sinto que seja assim.” Ora bem, se aquilo que sentirem que não é assim é a conclusão dos ensinamentos da Igreja e da busca de Deus, então é porque escolheram a sua condenação em vez da salvação. Recusaram-se a usar o intelecto que Deus lhes deu para alcançar a salvação, uma dádiva de Deus cujo fim principal era esse. Mas dois e dois são quatro, e não interessa se estamos num dia mau, porque continua a ser quatro. E não interessa a maneira como sentimos.

Esta procura da verdade absoluta, até a encontrarmos e nos submetermos a ela, provavelmente inclui um estudo profundo do que significa ser Católico, do que a Igreja ensina, e do que a Igreja sempre ensinou.

A verdade não muda!

Falamos com algumas pessoas e elas têm esta noção de que a função docente da Igreja é uma espécie de processo democrático. Que, “bem, ensinaram assim nessa altura, mas agora há muita gente que pensa de maneira contrária, e por isso estávamos a pensar que é nisto em que acreditamos agora, porque é mais democrático.” Quando começamos a investigar o que a Igreja ensina, vemos que é o que a Igreja sempre ensinou. Não é novidade. Como sabem, Pio XII definiu a Assunção de Nossa Senhora. Mas sabiam que tenho missais do Século XVI, mesmo anteriores a Trento, que já têm a Festa da Assunção? Os Papas não dizem coisas como: “Olhem, tive esta grande ideia hoje de manhã, vou tratar de definir esta coisa.” Não. É por terem sido sempre ensinadas que estas coisas acabam por ser definidas.

Se alguém acha que isso é um problema, ao começar o seu compromisso com a verdade, ao começar a ler o que a Igreja sempre ensinou, que leia o Concílio de Trento, o maior Concílio da história da Igreja. Que leia isso. E se ficar um pouco incomodado com a doutrina, com a linguagem das definições, compreenderá o Terceiro Segredo de Fátima. É a isso que ele se refere.

Mas se se sentir incomodado com ensinamentos como “fora da Igreja Católica não há salvação,” compreenderá o Terceiro Segredo de Fátima porque estamos num período de apostasia geral, neste momento, da apostasia a que o Terceiro Segredo se refere. Isto também está relacionado com Fátima. Mas quando lermos estas coisas e compreendermos que são o que a Igreja sempre ensinou, tenhamos a humildade de pelo menos tentar submeter as nossas vontades a isto que poderá ser novo para nós.

"A caridade de Cristo incita-nos"

A seguir, recordemos que há motivos para o Apostolado de Fátima, para o Padre Gruner ter sacrificado tudo o que tem por isto, e para nós aqui estarmos. Meus caros Senhores Bispos, meus caros irmãos no sacerdócio, meus caros leigos, não tenho dúvidas de que estamos todos aqui porque amamos a nossa Mãe Maria. Nesta festividade, a Festa da Maternidade de Maria, que é hoje. Estava a rezar por isto hoje de manhã. Não tenho dúvidas de que, qualquer que seja o nosso passado ou a nossa origem particular, estamos todos aqui por amor a Nossa Senhora. A razão para o Padre Gruner ter feito o que fez e para nós estarmos a fazer o que fazemos resume-se à maior das virtudes. Que é a caridade. Recordemos que há três: fé, esperança e caridade. E a maior de todas é a caridade.

Ora bem, o que é a caridade? Temos actualmente que suportar traduções horríveis destas coisas, em que se lê fé, esperança e amor. Mas não é fé, esperança e amor. É fé, esperança e caridade. Em latim há duas palavras. *Amor* é amor e *caritas* é caridade, e são coisas diferentes, embora *caritas* seja um tipo específico de *amor*. Caridade é a virtude teológica, uma de três: fé, esperança e caridade. É a virtude teológica que nos permite amar a Deus sobre todas as coisas, como toda a nossa mente e toda a nossa alma e todo o nosso coração, por causa d'Ele. E amar ao próximo como a nós mesmos, por amor de Deus.

Na caridade há sempre a dimensão de Deus. Não podemos ter caridade por chocolate. Podemos ter amor por chocolate. Até admito que possamos, de certa maneira, adorar o chocolate, pelo menos no sentido comum da língua. Aqui está porque não podemos confundir a amor e a caridade. Porque a caridade tem essa dimensão de Deus. Amamos a Deus pelo que Ele é, com todo o nosso ser; e amamos o próximo porque é um Mandamento Divino amar o próximo como a nós mesmos, e para obedecer a esse Mandamento, assim fazemos.

Caridade para todos

Portanto, o Padre Gruner faz o que faz por esta caridade, para com os povos da terra. Por isso, fazemos o que fazemos. Reparem. Se os desejos de Nossa Senhora e de Nosso Senhor não forem atendidos, se a Rússia não for consagrada ao Imaculado Coração de Nossa Senhora pelo Papa e pelos Bispos, haverá uma grande calamidade, angústia e perda das almas de muita gente na nossa família humana. Temos de ter este sentido de família extensa para a humanidade, para lhe darmos realmente esta dimensão da caridade. Sabem, quando encontro alguém, estou sempre consciente disso. São como primos distantes. Eu amo a minha família imediata, e sei o que é amar a família.

Por esta razão, é muito natural para mim recordar que somos todos primos distantes, e porque somos filhos de Adão e Eva, porque todos temos os mesmos pais, tenho por vós este amor caridoso — até mesmo um amor natural — porque fazemos parte da mesma família. Quando alguém é difícil, é um primo excêntrico. Como sabem, também temos desses na nossa família, mas nunca deixamos de ser caridosos para alguém, só porque essa pessoa é difícil.

A urgência

Portanto, amar o próximo como a nós mesmos, por amor de Deus, quer dizer que devemos fazer todo o possível para evitar as calamidades que terão de acontecer se os pedidos de Nossa Senhora e de Nosso Senhor, exprimidos à Irmã Lúcia e aos outros pastorinhos, não forem atendidos. Há uma urgência nisto em caridade, e é por isso que nos esforçamos. Não é certamente porque precisamos de ter alguma

coisa para fazer. Não faltam coisas para o Padre Gruner fazer. Com o Padre Gruner, não foi assim: “bem, vou dedicar-me ao tricot e ao crochet, ou a essa coisa de Fátima?” Não. Ele compreendeu que Nossa Senhora o tinha formado como é, e da maneira que é, para este Apostolado e por amor de toda a gente na terra, e acima de tudo por amor de Nossa Senhora e de Nosso Senhor. E ele entregou-se a esta tarefa.

Recordemo-nos que o maior acto de caridade que podemos ter para com alguém que tem a Fé é conseguirmos que aprecie a Graça Santificante. E se não está na Fé, o maior acto de caridade, de amor, para com ele é convertê-lo à Igreja, à Fé Católica.

Cristo morreu para fundar a Sua única e verdadeira Igreja

Todos nós conhecemos as palavras “a Rússia converter-se-á.” Mas pergunto a mim mesmo se todos compreendemos o que isto quer dizer. O que pensarão algumas pessoas sobre a conversão da Rússia; conversão a quê? Conversão a um vegetarianismo estrito ou a uma consciência pacifista e ecológica? Não? A conversão de que Nossa Senhora falou é a conversão à única Igreja verdadeira. Só há uma Igreja verdadeira. Cristo morreu para fundar uma Igreja, que é a nossa. Aquela a que pertencemos. Nossa Senhora deseja, e Nosso Senhor deseja, a conversão da Rússia à Fé Católica, porque Nossa Senhora sabe que é a Igreja que o Seu Filho fundou e pela qual morreu. O Seu Divino Filho deu o Seu Sangue na Cruz, até à última gota, por essa Igreja, e Ela viu tudo. Esta ideia protestante de andar às voltas sobre a noção de Igreja não se justifica.

Cristo fundou a Igreja e deu à Igreja a missão de salvar as almas. As pessoas não têm o direito de ir directamente e dizer: “Tenho aqui a Bíblia, vou salvar-me a mim próprio.” Não foi assim que Cristo decidiu. É à Igreja que cabe salvar as almas, e não se pode andar às voltas sobre isto.

E portanto, a conversão de que Nossa Senhora fala, e de que Nosso Senhor fala, a da Rússia, é apenas a conversão à Fé Católica, fora da qual não há judeu, nem hindu, nem budista, nem muçulmano, nem ortodoxo, nem protestante que possa salvar-se, ou se salve. Mais uma vez, recordemos que devemos ter cuidado com o sentimentalismo e com o falso ecumenismo, que ultimamente tem alastrado por todos os níveis da nossa Igreja. Isto é que é o ecumenismo autêntico.

Cuidado com o sentimentalismo

Eis o espírito do ecumenismo autêntico. Imaginem que há uma peste a espalhar-se por todo o nosso continente. É 100% fatal. Podemos chamar uma peste ao mundanismo e ao pecado mortal. Mas digamos que é uma peste causada por micróbios e um cientista descobre uma cura. É a única pessoa a ter uma cura para a peste, e diz ao mundo: “Dou-lhes esta cura, mas têm que vir pedir-me para a poder dar. É um facto simples. Não estou a ser arrogante.” Esse médico será arrogante se tiver a única cura para aquela peste e disser que assim é? Não, essa é a verdade e essa é a caridade. Isto é que é o ecumenismo autêntico. A Igreja fundada por Cristo tem a cura, tem a solução, tem o meio da vida eterna que mais ninguém possui, e dá-o livremente. Livremente, na verdade, num certo sentido; mas à custa dos seus missionários e mártires.

Portanto, tenhamos cuidado com o sentimentalismo. Uma das piores coisas que experimentei em toda a minha vida foi ver o Papa João Paulo II no noticiário. Vi a notícia no serviço da Internet. O Papa sai do avião em Jerusalém e diz: “Não estou aqui para os converter.” Deu-me vontade de dizer:

“Santidade, porque é que não volta para casa? Porque é sua obrigação converter esta gente. Converter esta gente é uma obra de caridade.” E se o próprio Santo Padre anda a dizer coisas disparatadas como “Não estou aqui para os converter”, nós outros, o que faremos? Se a nossa hierarquia desceu ao ponto de dizer 'estou aqui, tudo bem, vamos fingir que quem vai para o inferno não chega lá', pode chamar-se a isto caridade? Não, não é caridade. Nossa Senhora afirmou o que a Igreja ensinou de tempos imemoriais, que a única paz verdadeira é a paz de Cristo numa Ordem social católica.

A ordem social católica

O que aconteceu à doutrina social da Igreja? No século passado tivemos grandes encíclicas, como a *Quas Primas*, que definiam um plano para o mundo numa ordem social católica. E porque é que é importante mencionar agora a ordem social? Porque devemos conhecer a doutrina social católica, porque, quando a Rússia se converter, irá ser o modelo para todo o mundo. Será uma ordem social católica e uma doutrina social católica que a Santa Mãe Rússia espalhará por toda a terra. E seria bom se soubéssemos como iria funcionar.

Uma simples sugestão

Agora, uma última coisa que proponho para onde for possível. É uma coisa pequena, mas creio que seria útil. E mais uma vez, não é possível em todas as situações. É apenas uma sugestão, para o caso de ser possível na situação. E é isto: precisamos de levar a cabo uma ressurreição. Proponho a ressurreição das Orações Leoninas a seguir à Missa. Para quem nunca ouviu falar delas, o Papa Leão XIII, em 6 de Janeiro de 1884, decretou que se dissessem certas orações a seguir à Missa, para que se resolvesse a questão romana. E o que era a questão romana? A Maçonaria tinha orquestrado o roubo dos Estados Papais e a detenção do Santo Padre no Vaticano. E a situação era bastante urgente. Certamente já ouviram falar dos Papas que eram prisioneiros no Vaticano?

Assim, para se conseguir alcançar uma solução qualquer com o Governo maçónico que a Itália tinha naquela altura, o Papa propôs estas orações especiais. Finalmente, chegou-se a um acordo entre o Vaticano e o Governo em 11 de Fevereiro de 1929. E assim, o Papa dessa altura, que era Pio XI, mudou em 30 de Junho de 1930 a intenção das orações para a conversão da Rússia.

Isto não teria especificamente nada a ver com a Mensagem de Fátima. Foi porque, como ouvimos ontem numa das palestras, estava então a efectuar-se uma grande perseguição na Rússia, em que padres e Bispos, os católicos, eram presos e executados. E por causa desta grande perseguição, Pio XI propôs as Orações Leoninas por esta intenção, visto que a questão romana já tinha sido resolvida.

Ora em 26 de Setembro de 1964, ainda o Concílio Vaticano II não tinha acabado, as Orações Leoninas foram suprimidas por Paulo VI. Por isso, já não as encontramos nem são obrigatórias. Mas nós podemos ressuscitar estas orações, e dizê-las a seguir à Missa. O que devemos fazer é isto: acabamos de celebrar a Missa, ajoelhamo-nos em frente do altar e dizemos estas orações, na língua que quisermos: Três Ave Marias, a Salve Rainha, e esta oração:

“Ó Deus, nosso Refúgio e nossa Força, olhai favoravelmente para o Vosso povo, que Vos invoca, e pela intercessão da Gloriosa e Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, de S. José, Seu esposo, dos Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, e de todos os Santos, tende misericórdia e dignai-Vos ouvir as orações que Vos dirigimos pela conversão dos pecadores e pela liberdade e exaltação da nossa Santa Madre Igreja, por Cristo Nosso Senhor. Amen.” E a seguir diz-se a Oração a S. Miguel.

Se dissermos estas orações pela intenção de o Santo Padre consagrar a Rússia ao Imaculado Coração de Nossa Senhora, dar-se-á uma ressurreição, não só das orações, mas de uma finalidade renovada que eles já não têm desde 1964.

Por acaso, sei de um precedente. Numa das dioceses que conheço nos Estados Unidos, em Mobile, Alabama, o Bispo decidiu que, a seguir a todas as Missas, se dissessem os louvores divinos, que são: Bendito seja Deus, bendito seja o Seu Santo Nome, etc., como protecção contra os furacões. Ora aconteceu que o novo Bispo, imbuído do Vaticano II, sabem, chegou e entendeu que sabia mais do que os seus antecessores, que é uma coisa que eles às vezes gostam de fazer, e cancelou essas orações. E no ano a seguir ao cancelamento das orações, a cidade foi devastada por um furacão. Não foi completamente arrasada, mas foi devastada, pela primeira vez desde que há memória. E o Bispo voltou a restaurar as orações onde elas estavam antes, e desde então nunca mais houve uma calamidade com um furacão. Mas aqui está um precedente para se fazer uma coisa deste género. Os padres podem fazer isso, os Bispos podem dizer aos padres que digam estas orações a seguir à Missa por uma intenção particular.

Meus caros amigos, fazendo estas coisas ficaremos a ser parte da solução; se as recusarmos, seremos parte do problema. É tão simples como isto.

Nossa Senhora de Fátima, orai por nós. Nossa Mãe Divina, orai por nós. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, *Amen*.